

Estágio supervisionado enquanto disciplina formadora de profissionais licenciados: relato da observação e regência

Práctica pedagógica, asignatura formadora de profesionales en licenciatura: relatos de la observación y actuación

Gabriela Migon

Acadêmica do quarto ano de Licenciatura em História, pela Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO, campus Irati. Rua Pedro Pissaia, nº 128, Vila Abib, Rio Azul/PR.

E-mail: historia.gabrielamigon@gmail.com

Resumo: Este trabalho aborda os resultados da observação e da regência do Estágio Supervisionado I, disciplina da grade curricular do curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, *Campus* Irati. Ambas as atividades ocorreram no segundo semestre de 2017, em um colégio público, do Estado do Paraná, localizado na cidade de Irati. Sendo um curso de Licenciatura, entende-se o Estágio como uma disciplina muito importante, a qual aproxima a teoria, aprendida no ambiente acadêmico, com a prática da sala de aula, como os acessos e as entaves entre essa aproximação.

Palavras-chave: Estágio supervisionado I. Observação. Regência.

Resumen: Este trabajo aborda los resultados de la observación y de la regencia en la Practica pedagógica I, asignatura del plan de estudios del pregrado de Licenciatura en Historia, de la Universidad Estadual del Centro-Oeste, UNICENTRO, *Campus* Irati. Ambas actividades ocurrieron en el segundo semestre del año 2017, en un colegio del Estado do Paraná, localizado en la ciudad de Irati. Siendo un programa de pregrado en Licenciatura, se entiende la Practica como una de las materias más importantes, siendo el momento de la aproximación de la teoría, aprendida en el ambiente académico, con la práctica de la clase, de los acceso y trabas desta aprociación.

Palabras-clave: Practica pedagógica I. Observación. Actuación.

1 Considerações iniciais

O estágio supervisionado I é uma das disciplinas componentes da grade do curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. Tal currículo prepara o exercício da profissão docente, a qual necessita da formação teórica e prática. Pimenta e Lima (2008, p. 45) nos ajudam a entender, quando dizem que “(...) o estágio não é uma atividade prática, mas teórica, instrumentalizada da práxis docente, entendida esta como atividade transformadora da realidade (...) é uma atividade teórica de conhecimento, fundamentação, dialogo e intervenção”. Portanto, neste artigo abordaremos a observação e a atuação, realizadas

no ensino fundamental de um colégio da rede pública de ensino, situado no Centro da cidade de Irati/PR.

Partimos do viés qualitativo, que estuda, a partir do método etnográfico, as relações humanas nos seus diversos contextos, sendo, nesse caso, a escola um deles. A etnografia se faz inteiramente presente nesta pesquisa, em que, praticada a fim de conhecer e desvelar as subjetividades por muitas vezes tão presentes no cotidiano que deixam de ser perceptíveis, realiza uma ponte com o docente utilizador e gerador de pesquisas (BORTONI-RICARDO, 2008).

O devido colégio foi inaugurado no ano de 1975 e, inicialmente, ofertava apenas 1º grau. No ano seguinte, 1976, houve uma mudança política que alterou o funcionamento da instituição, esta passa para o colégio a integração do Ensino Médio. Atualmente, a instituição integra ensino fundamental, médio e também Formação de Docentes dos Anos iniciais. E a observação aconteceu em quatro turmas de 9º ano e em uma do 6º ano. Já a atuação foi somente com a turma do 6º ano.

2 Acessos e entraves na trajetória do ensino de História

Fundada a partir da organização patriarcal, na estratificação social, a população Brasileira do século XVI era, em sua maioria, analfabeta. O conhecimento e a detenção do estudo/conhecimento formal estavam nas mãos da igreja, nesse caso, dos padres jesuítas. Portanto, obtinham estudos no Brasil aqueles que eram catequizados ou que possuíam condições financeiras para viajar até a Europa e lá estudar.

Os jesuítas tinham, além de outros ensinamentos, o eixo de estudos sobre as humanidades. Utilizavam dos textos de Tito Lívio, Tucídides, Xenofonte e Tácito, ou seja, referências de grandes historiadores. Assim, podemos ver a grande fundamentação teórica utilizada por estes, apesar de a História não ser uma disciplina necessariamente constituída nesse período (FONSECA, 2006).

A disciplina de História aparece nos currículos nacionais após a independência do país e com a criação do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro (BRASIL, 1998 p. 19). Porém, a História enfatizada era a Sagrada e a da Pátria, não passando, assim, de uma narrativa linear, exaltando a Deus, a Pátria e também aos colonizadores, por todos os benefícios religiosos que, para a América, trouxeram, resultando em uma história narrativa, linear e eurocêntrica.

Muito deflagrada também nos anos ditatoriais brasileiros, a História e as demais disciplinas das ciências humanas foram reduzidas para o aumento do número de vagas dos cursos técnicos destinados ao trabalho nas indústrias. A Geografia e a História são substituídas pelos estudos sociais e os professores demitidos por qualquer rumor. O ensino da época não passa de uma alienação governamental (TRINDADE, 2014).

Atualmente, a História encontra-se muito diferenciada e diversificada. Como todas as áreas do conhecimento, ela passou por grandes crises de identidade, de escrita, de interpretação e de utilidade. Cada dificuldade foi e continua sendo vencida com o tempo (próprio objeto histórico). Todavia, podemos dizer que uma dificuldade

é a distância que existe entre a história estudada e produzida na Universidade com história trabalhada em sala de aula de um colégio (GUIMARÃES, 2012).

Certamente, o nível de estudo entre a Universidade e a Escola é muito diferente, contudo o objetivo da disciplina é fazer com que haja uma autonomia intelectual capaz de levar ao aluno o desenvolvimento crítico da sociedade em que vive a partir de uma perspectiva temporal (BITTENCURT, 2008). Vê-se, através dessa falta de capacidade crítica, o mau desenvolvimento da educação e da sociedade, como já abordavam Pinski e Pinski (2008, p. 21):

no Brasil, diante do panorama atual, só uma educação de qualidade, que tenha o ser humano e suas realizações como eixo central, pode nos fazer, como nação, dar um salto qualitativo a que tanto aspiramos, por meio da qualificação de nossos jovens. Um país cuja população não sabe ler, que, quando sabe, lê pouco, e quando finalmente lê, pouco entende.

Assim, há a necessidade dos professores utilizarem, em sala de aula, materiais e métodos diferenciados para trabalhar a história, aproximá-la mais dos contextos dos alunos (ALVES, s.d.), para que estes despertem o interesse e vejam sua importância. Mas, para uso diferenciado, também é de suma importância os docentes não deixarem a pesquisa de lado quando terminarem os estudos acadêmicos, pois, como entende Bortoni-Ricardo (2008, p. 32-33),

o docente que consegue associar o trabalho de pesquisa a seu fazer pedagógico, tornando-se um professor pesquisador de sua própria prática ou das práticas pedagógicas com as quais convive, estará no caminho de aperfeiçoar-se profissionalmente, desenvolvendo uma melhor compreensão de suas ações como mediador de conhecimento se de seu processo interacional com os educandos. Vai também ter uma melhor compreensão do processo de ensino e de aprendizagem.

Como afirma Nadai (1993, *apud* URBAN, 2009, p. 51),

[...] ensinar História é também ensinar o seu método e, portanto, aceitar a idéia de que o conteúdo não pode ser tratado de forma isolada. Deve-se menos ensinar quantidades e mais ensinar a pensar (refletir) historicamente. [...] Superação da dicotomia ensino e pesquisa. [...] Compreensão de que alunos e professores são sujeitos da história; são agentes que interagem na construção do movimento social.

Essa compreensão tanto dos docentes, quanto dos discentes sobre o entendimento histórico, como já citado, encontra-se defasada na produção universitária para a escolar, sendo essa uma contradição existente nos PCNs quando afirmam que o conhecimento escolar advém do que é produzido no nível superior. Refletir sobre a história que é ensinada é dever tanto do professor, quanto do historiador, concluindo que ambos devem diminuir essa distância entre escola e academia (VELLOSO, 2012).

Assim, o estágio, no âmbito acadêmico, é disciplina fundamental, pois é permitido experienciar o cotidiano em sala de aula, integrando parte relevante na formação de futuros docentes. Há a busca por estreitar cada vez mais a teoria histórica

com o aprendizado escolar, levando os discentes a serem sujeitos de suas próprias histórias e lhes introduzindo as noções historiográficas.

3 Das observações (descrição etnográfica)

As observações realizadas no ensino fundamental constituem a primeira etapa do Estágio Supervisionado I. As observações ocorreram em uma turma de 6º Ano e em quatro turmas de 9º.

O colégio de arquitetura moderna que, atualmente, passa por reformas, dispõe de amplo espaço para desenvolver atividades pedagógicas de ensino. Conta com vinte salas de aulas (divididas em três blocos de alvenaria; dois desses blocos encontram-se construídos frente a frente; já o terceiro, mais novo, encontra-se mais para trás desses dois primeiros), uma secretaria, uma sala da direção, duas salas de pedagogas (uma próxima à secretária e a outra junto ao refeitório¹), uma sala dos professores, uma sala multiuso, um laboratório de informática, uma biblioteca, uma cozinha, um refeitório (com buffet-livre, visando o não desperdício de alimentos), um campo de futebol, uma quadra coberta, sanitário para professores e alunos e pátio com bancos para os alunos desfrutarem em tempo livre².

Durante as horas-atividades dos docentes³ e os intervalos, os espaços ocupados para esperar as próximas aulas foram a sala de informática e a biblioteca. A primeira possui vários computadores com acesso à internet, os quais alunos e professores podem utilizar para desenvolverem suas pesquisas. No mesmo espaço, é possível fazer impressões e xerox, o atendimento é feito por duas funcionárias. A biblioteca, outro lugar disponível e agradável, conta com atendimento de três funcionárias. A movimentação de alunos é constante. Alguns emprestam livros devido a atividades da leitura feita por professores de língua portuguesa, outros por pesquisa ou gosto pelo conhecimento. Devido ao grande número de alunos frequentando o colégio, vê-se a área construída para a biblioteca um pouco apertada, já que esta dispõe de bons materiais para pesquisa, tanto para professores quanto para alunos.

Em busca particular para com a área de História, foram encontrados títulos separados pela seguinte divisão: História Geral, História da América, do Paraná, de Irati, da África e História Indígena. Além das demais literaturas que podem ser utilizadas para trabalhar questões históricas, estavam disponíveis as revistas de História da Biblioteca Nacional e outras que não tratam somente de História, mas que podem ser aproveitadas.

¹ Esta tem objetivo de atender as salas do novo bloco, situadas ao lado do refeitório, devido à distância deste com a secretária.

² Essas informações foram anotadas no período da observação. Tais descrições são consideradas essenciais para o desenvolvimento educacional, visto que diferentes materiais e espaços possibilitam diferentes atividades para a aprendizagem.

³ As horas-atividades, no Estado do Paraná, referem-se a um tempo, geralmente uma aula, reservado para os professores, no exercício de sua função, organizarem o planejamento, as avaliações e os demais estudos que façam relação ao cotiando escolar. Para mais informações, acesse: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/faq/category.php?categoryid=123>.

Outro fator interessante e didático presente na instituição eram os murais expostos no pátio – lugar frequentado por alunos na hora do intervalo. Nestes, sempre havia informações de vestibulares, de olimpíadas, como a de matemática, além de trabalhos de alunos e exposições do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência).

O colégio, apesar de situar-se no centro da cidade, atende uma demanda de alunos proveniente da periferia urbana, na qual, geralmente, o sustento advém do trabalho nas indústrias e no comércio local. A presença de pais no âmbito escolar notou-se nas entregas de boletins e conversas que estes realizam com as pedagogas para saber como estava o desenvolvimento dos filhos na aprendizagem. Algumas regras, como o uso de uniforme para os alunos e jaleco para os professores, são mantidas na instituição. Assim, todas essas observações foram e são de extrema importância para entender o funcionamento do ambiente escolar, em particular desse Colégio.

Como presenciamos aulas com três profissionais diferentes, aqui mencionadas como professora 1, 2 e 3, são necessários alguns detalhes para melhor compreensão. Num primeiro momento, as aulas ocorreram com duas professoras PSS (Programa de Seleção Simplificada de professores não concursados para suprimir a necessidade da regência na educação paranaense) e, num segundo momento, com a professora QPM (Quadro Próprio do Magistério). As duas primeiras (primeiras tratando-se da observação e do horário de aula no período da tarde – 13h 05' às 17h30') e únicas aulas assistidas da professora 1 foram em uma turma de 9º Ano, em que os alunos estavam apresentando trabalhos em duplas, sendo o contexto 2ª Guerra Mundial. Além das apresentações, estes deveriam trazer uma atividade sobre o tema apresentado para os demais colegas da classe (tudo com valor avaliativo). Alguns alunos elaboraram questões descritivas, outros, cruzadinha. A professora, sentada no fundo da sala, somente fazia alguns apontamentos, a aula era coordenada pelos alunos. Os assuntos para apresentação variavam, por exemplo, de pracinhas, brasileiros enviados à guerra, migração do e para o continente europeu, dificuldades encontradas entre o contato das diferentes línguas provocadas pela grande Guerra.

Terminadas as duas primeiras aulas, na terceira, houve mudança de horário e a aula foi em outro 9º ano, com a professora 2. Também seria a última aula da professora 2 com a turma. Assim, enquanto a professora foi até a sala dos docentes para buscar seus materiais, os alunos se organizaram para agradecer-lhe e homenageá-la. Com a sala toda decorada, a professora 2 entrou, algumas estudantes leram mensagens e, posteriormente, entregaram-lhe um presente. Toda a turma abraçou a docente e fizeram algumas fotos reunidos no pátio da escola. Portanto, foram observadas duas aulas com a professora 1, uma com a professora 2 e as demais com a professora 3.

Com a volta da professora efetiva, ela continuou e finalizou o conteúdo que estava em andamento. Em todos os 9º anos, os conteúdos trabalhados eram sobre o contexto da 2ª Guerra Mundial. Algumas turmas estavam de acordo com o livro didático, em páginas mais a frente de outras. Por exemplo, dois 9º anos discutiam sobre o ataque a Pearl Harbor, já outro 9º ano trabalhava questões referentes ao dia D.

No único 6º ano observado, estavam trabalhando com as primeiras civilizações, em específico com o alfabeto fenício. As aulas sempre se iniciavam com a chamada, o

visto e a correção de atividades (quando era o caso), uso do livro didático (material utilizado para nortear a aula), uso do quadro pela professora para sintetizar o conteúdo ou passar mais atividades, uso de slides e imagem na TV, para complementar a explicação, atividades para casa e cinco minutos para socialização até a próxima aula. Além do quadro, a professora ditava conteúdos. E, quando os alunos não tinham dúvidas, a docente dirigia perguntas a eles. Portanto, o tempo era bem cronometrado e a aula dinâmica tanto em metodologia quanto em atividades.

O 6º ano localiza-se no bloco próximo ao refeitório, já todos os 9º anos encontram-se no mesmo bloco próximo à biblioteca. As salas de aula eram todas espaçosas e arejadas, possuíam a mesma pintura e os mesmos equipamentos, como: televisão (situada sempre acima do quadro, ao lado esquerdo), ventilador, quadros de giz, tomadas, piso e carteiras (as carteiras são de material branco, poucas se encontram riscadas e corroídas, mas a maioria, apesar de não ser nova, apresenta-se limpa). Todas possuem grandes janelas, cortinas e boa iluminação.

A limpeza, por parte do colegiado, variava conforme a sala e o dia. Nos 9º anos, geralmente, havia raspas de lápis, papel de bala e bolinhas de papel espalhados pelo chão, percebendo, em alguns momentos, a falta de respeito com o ambiente escolar. As mochilas também ficam no piso, pois as carteiras não possuem suporte para pendurá-las.

No 6º ano, o caso das mochilas se repetiu, mas não havia lixos pelo chão. O número de alunos por sala não ultrapassou 30. Às vezes, a aula era interrompida por avisos da direção pelo megafone ou pela visita da diretora nas salas e por propagandas de cursos profissionalizantes feitos por empresas particulares.

Os alunos sempre tinham atividades para realizar em sala ou em casa, as quais, na maioria das vezes, eram questionários ou, ainda, preparo de apresentações com atividades (como cruzadinha ou caça-palavras) para os demais colegas e pesquisas com referências bibliográficas.

4 Da regência (Aproximação entre teoria e práxis)

A regência (assim como a observação) desenvolvida individualmente devido a outros trâmites acadêmicos⁴ foi no 6º ano, de acordo com a recomendação da professora 3 - responsável pela sala. As aulas ocorreram no mês de outubro.

O conteúdo, também indicado pela professora responsável da sala, foi civilização romana, de acordo com o livro didático, contemplava um capítulo. Ainda alguns apontamentos da professora 3 foram: utilizar o livro somente como um norte, sem a necessidade de realizar uma avaliação que somasse nota.

Assim, por meio de diferentes metodologias, fontes e bibliografia teórica, foram preparados os planos de aula. No primeiro dia, objetivava-se trabalhar com as possíveis origens da civilização romana: a arqueológica e a mitológica. Contudo, após perguntas referentes a conhecimentos prévios sobre o assunto e anotações dessas no quadro, os alunos reuniram-se em grupos de quatro a cinco integrantes e começaram a discutir a enciclopédia, material complementar utilizado para ajudar a introduzir o

⁴ Devido ao intercâmbio acadêmico realizado no 1º semestre de 2017.

assunto e a contextualizar diferentes objetos de estudos históricos. Alguns minutos para discussão, assistimos um desenho animado do pica-pau (utilizado para interagir com a faixa etária dos estudantes), o qual serviu para demonstrar, em sua maioria, aspectos políticos e arquitetônicos da antiga Roma, além de desconstruir alguns aspectos exagerados presentes no desenho animado. Após esclarecimentos sobre o desenho, seguiu a apresentação – por parte dos alunos - das enciclopédias. Um pouco ansiosos, estes apresentaram as imagens e a parte escrita do texto que conseguiram ler. Além da TV, das enciclopédias e do quadro, foi utilizado um mapa político da Europa para melhor localização geográfica. Entendendo a avaliação como um processo contínuo, os alunos foram avaliados de acordo com a participação e a argumentação em aula, em particular com a breve exposição da enciclopédia.

Portanto, não foi possível concluir o primeiro plano de aula de forma integral, devido à maior quantidade de tempo levado para determinadas discussões. O segundo dia iniciou-se com uma breve revisão da aula anterior. Em seguida, com um pequeno texto (não previsto em plano, mas para não atrasar o conteúdo programado, foi necessário) sobre a lenda de Rômulo e Remo, explicando a visão de origem mitológica e, posteriormente, a visão arqueológica da origem de Roma. Como a arqueologia prega a existência da cultura grega, por exemplo, determina-se que Roma foi formada por vários povos: etruscos, gregos, itálicos e outros. Foi distribuído para os alunos um mapa político da Itália, no qual eles, de acordo com o explicado, disponível no mapa, no livro didático e na TV, deveriam escrever e pintar de acordo com a localização de cada povo pré-românico. Essa atividade exigiu um pouco mais do tempo estipulado.

Aproximadamente pela metade da aula, foi introduzido o conteúdo previsto para o segundo plano - a monarquia romana. Começamos por conceitos bem simples, como: o que os alunos entendiam por monarquia, se possuíam algum conhecimento prévio (por meio de suas leituras complementares). Posteriormente, foi-lhes apresentada uma lista de monarcas. O uso da TV foi para mostrar imagens dos monarcas e contextualizar as relações que estes tinham com o calendário, sendo possível falar do nosso atual calendário de origem romana. Em seguida, foi distribuído mais um pequeno texto de Funari (2002) a respeito das cidades. A leitura e a discussão do mesmo ficaram para a terceira aula.

Na terceira aula, trabalharíamos com a república romana. Contudo, demos continuidade ao texto sobre as cidades, da aula passada, cada estudante voluntariamente leu um parágrafo e, depois, fizemos a discussão. Faltava, ainda, segundo o plano de aula, a explicação da organização social e política da monarquia romana, para seguir com a República. Vendo o tempo levado para os alunos copiarem, lerem e discutirem os conteúdos, trabalhamos com a organização política da monarquia e da república - comparando-as. Para isso, foi feita em tabela na lousa.

Assim, a quarta aula foi iniciada. Trabalhamos com a república romana. Foi utilizado um texto de Seriacop (2005) para a compreensão da estrutura republicana e um mapa conceitual para entendimento político. O livro era usado como norteador de conteúdo. Leva-se em conta que o livro didático, para muitos da turma, como demais estudantes paralelos, poderia e pode ser o único meio de acesso ao conhecimento histórico, seja dentro ou fora do âmbito escolar. Entendendo a função da disciplina,

como Bittencourt (2008, p. 327) afirma, “cuja intenção maior é desenvolver uma autonomia intelectual capaz de propiciar análises críticas da sociedade em uma perspectiva temporal”.

Diferente de outros sistemas políticos, a república romana encontrava-se no livro didático e em demais obras, estudadas para montagem do plano de aula, de forma mais detalhada. Assim, da história militar foram enfatizadas: as guerras púnicas, a expansão territorial e a importância do exército. Para essa aula, foram utilizados o mapa político da Europa e duas imagens de afrescos para análise das táticas, posições e até mesmo da representação que os próprios faziam de suas batalhas. A avaliação continuava a ser a participação de forma coerente e concisa, como também o fazer das atividades. Com os quinze minutos finais, realizamos a correção das atividades da aula anterior.

Na quinta aula, finalizamos o conteúdo da república, o qual seria a crise e a queda do sistema. Para essa aula, foi usado slide na TV, pendrive. A crise do sistema republicano romano foi contemplada com algumas políticas que tentavam ajudar a classe mais pobre da sociedade, como a “reforma agrária”. Assim, foi contextualizada com a reforma agrária brasileira. Para a contextualização, foram utilizadas, além da explicação fundamentada por meio de leituras teóricas e de um pequeno texto do livro didático, duas imagens do movimento sem-terra que luta por essa igualdade e também duas charges para análise e discussão.

No sexto e último dia, trabalhamos com as festividades, a alimentação, o entretenimento e outros aspectos culturais em geral. Foram utilizadas imagens/fotografias para trazer uma aula mais dinâmica. O uso da lousa, como em todas as aulas anteriores, não foi necessariamente diferenciado. Como os alunos não perguntavam, perguntas lhes eram feitas, as respostas vinham demoradas, mas adequadas. A última atividade foi por meio de sorteio de palavras-chave (de todo o conteúdo, começando na origem de Roma até o fim da República). Os alunos, divididos em grupos de, no máximo, cinco integrantes, foram avaliados de acordo com explicação e argumentação dadas aos mesmos. Enquanto os alunos discutiam as palavras-chave, os ajudava explicando e localizando em uma linha do tempo no quadro. Em agradecimento pela colaboração e amizade, foi distribuído BIS enquanto discutíamos.

5 Considerações finais

Segundo o IBGE (2016, s.p.), “para as crianças e adolescentes de 6 a 14 anos de idade, a faixa correspondente ao ensino fundamental obrigatório, a taxa foi de 99,2%, o equivalente a 26,5 milhões de estudantes”. Vemos que, mesmo com uma porcentagem apropriada para o ano de 2016, grande parte da população brasileira ainda segue sem ter concluído o ensino médio. Esses dados nos mostram a necessidade de investimentos e de ampliação da educação pública, além, é claro, de uma educação de qualidade, em que professores de História, em particular, analisem a importância de seguirem pesquisando e se aperfeiçoando, visando aumento da população na escola, o melhoramento das aulas, da empatia com essa disciplina, e que os discentes possam pensar historicamente, onde os mesmos são sujeitos ativos desse processo.

Também foi importante realizar a pesquisa qualitativa, em que, numa primeira etapa, houve o conhecimento etnográfico da instituição e do público a ser trabalhado, para, posteriormente, entender a demanda desses. Entende-se, ainda, que, além da preparação, do esforço e da dedicação, a profissão necessita de afeição, pois, com as atuais condições da educação brasileira, educar vai além do quesito financeiro. E, ao entrar na sala, com as explicações e atividades, pude perceber que chamava a atenção deles, contudo o ritmo um pouco acelerado não permitia que os alunos me acompanhassem. A aprendizagem aconteceu para ambos os lados e ocorreu da primeira à última aula. Necessariamente, não mudei os planos de aula, mas deixei algumas coisas mais sucintas devido ao tempo e à absorção dos adolescentes.

Referências

ALVES, Luís Alberto Marques. *A História local como estratégia para o ensino da História*. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4880.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

AGENCIA IBGE NOTICIAS. *PNAD Contínua 2016: 51% da população com 25 anos ou mais do Brasil possuíam apenas o ensino fundamental completo*. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/18992-pnad-continua-2016-51-da-populacao-com-25-anos-ou-mais-do-brasil-possuiam-apenas-o-ensino-fundamental-completo.html>>. Acesso em: 08 maio 2018.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: história*. Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 108.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.

FONSECA, Thais Nívia de Lima. A história do ensino de história no Brasil: tendências. In: _____. *História e ensino de História*. 2 ed. Belo Horizonte: Autentica, 2006. p. 29-36.

FONSECA, Thais Nívia de Lima. Exaltar a pátria ou formar o cidadão. In: _____. *História e ensino de História*. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2006. p. 37-89.

GUIMARÃES, Selva. Abordagens historiográficas recorrentes no ensino fundamental. In: _____. *Didática e prática do ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados*. 13. ed. Campinas: Papirus, 2012. p. 39-54.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. *Estágio e docência*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PINSKY, Jaime; PINSKI, Carla Bassanezi. Por uma história prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 17-36.

TRINDADE, Judite M. Barboza. A História sumiu: o ensino de Estudos sociais durante a Ditadura Militar. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *50 anos de Ditadura Militar: capítulos sobre o ensino de História do Brasil*. Curitiba: W&A Editores, 2014. p. 41-52

URBAN, Ana Claudia. *Didática da História: percursos de um código disciplinar no Brasil e na Espanha*. 2009. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

VELLOSO, Luciana. Uma análise dos Parâmetros Curriculares de História para o Ensino Fundamental: propostas e possibilidades. *Revista Dia-Logos*, Rio de Janeiro/RJ, n.6, Outubro de 2012. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/dia-logos/article/viewFile/23356/16642>>. Acesso em: 08 maio 2018.